

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ISSN 2177-3688

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM REDES SOCIAIS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

INFORMATION MEDIATION IN SOCIAL NETWORKS BY DISABLED PEOPLE

Giulianne Monteiro Pereira Marques - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Isledna Rodrigues de Almeida - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Izabel França de Lima - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O presente artigo aborda a construção de uma nova identidade social da pessoa com deficiência através da mediação da informação nas redes sociais. Na antiguidade, a pessoa que tinha alguma deficiência sequer era considerada ser humano. Desde o século XX, este cenário vem mudando positivamente e a pessoa com deficiência tem sido compreendida e respeitada como ‘ser atuante’ na sociedade. Portanto, este estudo tem como objetivo analisar como as pessoas com deficiência utilizam as redes sociais na perspectiva da construção de uma nova identidade social. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem predominantemente qualitativa, na qual realizou-se um levantamento bibliográfico com o intuito de compreender melhor a relação informação e identidade social. Também identificou-se e escolheu-se 3 (três) perfis de influenciadores digitais que possuem alguma deficiência para analisar como se dá a utilização das redes, que tipo de conteúdo e informações eles produzem e medeiam por meio dessas. Observou-se que os conteúdos produzidos e disseminados nesses perfis têm como intuito a desconstrução de um pensamento generalizado e de uma identidade de que a pessoa com deficiência é incapaz. Os conteúdos foram categorizados sob orientação da análise de conteúdo de Bardin e relacionado com o objetivo proposto em: capacitismo, identidade e protagonismo. Conclui-se que as redes sociais podem auxiliar na manutenção/reforço do que se quer preservar, expor ações de desmitificação, desconstruir um pensamento equivocado, pejorativo, como é o caso da representação da pessoa com deficiência enquanto incapaz.

Palavras-chave: mediação da informação; redes sociais; identidade; pessoa com deficiência.

Abstract: The present paper is about the construction of a new social identity of disabled people by means of information mediation in social networks. In ancient times, the person with some deficiency was not even considered a human being. Since the 20th century, this scenario has been changed in a positive way and the disabled people has been comprehended and respected as an “acting being” in society. This study is aimed to analyze how disabled people use social networks in the perspective of construction of a new social identity. It is an exploratory and descriptive research with predominance of qualitative approach, in which was developed a bibliographic survey in order to comprehend in a better way the relation between information and social identity. In addition, three profiles of digital influencers with some deficiency were identified and chosen to analyze how they use social networks, what kind of content and information they produce and mediate by means of these networks. It is observed that the produced and disseminated contents in these profiles aim the deconstruction of a generalized thought and of an identity in which a disabled person is an incapable human being. The contents were categorized in: personal life/routine, discourses about deconstruction of prejudice and ableism, sexuality and demystification in relation to disabled people. It is concluded that social

networks can help in the maintenance/ reinforcement of what is wanted to preserve, how can act in a way to demystify, to deconstruct a pejorative and mistaken thought, how is the case of deconstruction of a representation of disabled people as incapable ones.

Keywords: Information mediation; social networks; identity; disabled person.

1 INTRODUÇÃO

Durante muitos anos a sociedade excluiu e marginalizou grupos de pessoas que possuíam/possuem alguma diferença/limitação. Salete Aranha (2005) explana que a pessoa “com limitações funcionais e necessidades diferenciadas, era praticamente exterminada por meio do abandono, o que não representava um problema de natureza ética ou moral” (ARANHA, 2005, p. 7).

Ainda evidenciando como a pessoa com deficiência (PcD) foi tratada durante o percurso histórico da sociedade, Pessoti (1984 *apud* ARANHA, 2005), menciona que na Antiguidade a pessoa considerada diferente, que não se enquadrasse dentro do estabelecido ‘normal’, nem sequer era considerado ser humano. Não é difícil encontrar registros nos quais a imagem da PcD era representada como sendo algo vergonhoso para a família, “monstruoso” e até um castigo divino decorrente do pecado cometido por alguma pessoa do núcleo familiar a qual a criança com deficiência vivia.

Pode-se inferir que tal representação da PcD acarretou muitos impactos negativos na sua vida em sociedade, tornando um terreno fértil à sua marginalização e à sua invisibilidade, que ainda se perpetua ainda nos tempos atuais.

No entanto, a PcD veio resistindo e se organizando politicamente e após intensas manifestações, solicitações e debates propostos pelo Movimento Político da Pessoa com Deficiência (LANNA JÚNIOR, 2010), novos discursos, novas relações sociais e culturais vêm sendo construídas. Desta forma, o que se verifica então é que, desde o século XX, o cenário de como a PcD era vista e tratada vem mudando de forma positiva e, embora lentamente, a sociedade tem compreendido e respeitado cada vez mais a PcD como ‘ser atuante’ na sociedade.

Presencia-se, nas últimas décadas, sobremaneira, uma preocupação crescente na sociedade com a compreensão e respeito à PcD e tal afirmação pode ser constatada através da criação e implementação de políticas de melhoria no processo educacional, bem como na postura legalista do Brasil que sofreu um grande avanço com a Lei 13.146/2015, conhecida

como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que em linhas gerais trata da integração e inclusão da PcD no meio em que vive (BRASIL, 2015).

Compreende-se que este processo de inclusão é um processo demorado, desde o auto (re)conhecimento, de autopertencimento, como ainda, se necessário for, da construção de uma nova identidade social para a pessoa com deficiência, de uma identidade que saia dos aspectos da marginalização e da estigmatização cultivada e repassada ao longo de anos pelos povos, como vê-se em registros históricos.

Sobre esse aspecto, Hall esclarece:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2019, p. 16).

Assim, diante do exposto, no contexto da sociedade da informação, sendo esta caracterizada pela facilidade e agilidade com a qual a informação poder ser produzida, disseminada e acessada, principalmente no contexto do ciberespaço, como ainda as ferramentas e facilidades que ela apresenta, faz-se o seguinte questionamento: Como as redes sociais, como um ‘lugar de criação e mediação da informação’, podem auxiliar no processo de visibilidade social e (re)construção da identidade social da PcD?”

O surgimento do ‘ciberespaço’ trouxe transformações substanciais à sociedade. Sobre ele, Lévy (1999, p. 15) descreve como sendo “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.”

O autor complementa explicando que “[...] o termo especifica não apenas infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como **os seres humanos que navegam e alimentam esse universo**” (LÉVY, 1999, p. 15, grifo nosso).

Nesse contexto, tem-se como objetivo analisar como se dá a utilização de redes sociais virtuais por pessoas com deficiência na perspectiva da desconstrução/construção de uma nova identidade social.

Raquel Recuero (2009) define as redes sociais como um conjunto composto por dois elementos: os atores e suas respectivas conexões/interações/laços. Assim, enfatiza-se que a perspectiva de redes sociais apresentada e discutida aqui, são aquelas redes que estão no ciberespaço, no ambiente virtual, ou seja, são as redes sociais online.

Com o intuito de atingir o objetivo proposto, a pesquisa caracterizou-se como exploratória e descritiva, com abordagem predominantemente qualitativa, uma vez que, sob a ótica de Minayo (2010), auxilia numa melhor compreensão e aprofundamento do fenômeno estudado.

A princípio realizou-se um levantamento bibliográfico a respeito da temática explorada, com o intuito de compreender melhor a relação mediação da informação e identidade(s) no contexto da utilização das redes sociais, especificamente no Instagram®.

Além disso, identificou-se e escolheu-se, nessa rede, 3 (três) perfis de influenciadores digitais que possuem alguma deficiência para analisar como se dá a utilização, que tipo de conteúdo e informações eles produzem e medeiam. Os perfis analisados foram: @cacaibauer, @ivanbaron e @fernandocampos.

Para auxiliar na análise dos perfis, seguiu-se as 3 etapas da análise de conteúdo orientada por Bardin (2016): pré-análise, exploração do material e inferência, tratamento e interpretação dos dados.

A etapa da pré-análise consistiu na busca, verificação e escolha dos perfis a serem analisados; na fase da exploração, determinou-se as categorias pela recorrência dos temas abordados em comum aos três perfis analisados e que se relacionavam diretamente com o objetivo proposto pela pesquisa. Por último, realizou-se a transformação dos dados brutos em dados significativos utilizando a literatura abordada para o embasamento da discussão. Diante dos critérios mencionados acima, determinou-se como categorias: capacitismo, identidade e protagonismo.

2 A PESSOA COM DEFICIÊNCIA, CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE E A INVISIBILIDADE SOCIAL

A história da Pessoa com Deficiência (PcD) é marcada pelo estigma depreciativo de sua identidade social que, conseqüentemente, gerou sua marginalização, invisibilidade e exclusão em face da sociedade, bem como de seus serviços essenciais. Além desses fatores, cita-se ainda a questão do preconceito e do capacitismo que ainda são muito fortes na sociedade. Dessa forma, podem conduzir/conduziram a PcD ao cenário da exclusão.

O termo estigma, ora mencionado, é utilizado conforme explanado por Goffman (1988) que referência algum atributo profundamente depreciativo de outrem. Mas além de atributo, o autor explica ainda que “[...] estigma, é então, um tipo especial de relação entre

atributo e estereótipo, embora [...] proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito” (GOFFMAN, 1988, p. 7).

Goffman (1988) pontua ainda a existência de três tipos de estigmas: o primeiro tipo se refere às deformidades físicas, o segundo tipo é relacionado ao caráter individual e o terceiro tipo diz respeito à raça, nação e religião; é importante ressaltar que este último pode ser transmitido por gerações familiares, por meio dos valores e práticas discursivas e culturais.

Até meados do século XV, a PcD era tratada como uma pessoa totalmente incapaz que por um castigo divino assim se apresentava e acabava sendo rejeitada pela sociedade. Esta tinha medo de que determinada deficiência fosse de alguma forma transmissível a outro indivíduo, assim, essa rejeição começava, por vezes, no próprio seio familiar (ARANHA, 2005).

Do século XVI em diante, devido ao avanço das ciências médicas e sociais, o surgimento da ‘tese da organicidade’, que defende que as deficiências são causadas por fatores naturais e não fatores espirituais transcendentais (castigos/carmas), como ainda, pela humanização da visão social, percebe-se que houve uma mudança na forma em que a deficiência passou a ser tratada na literatura, na arte, esculturas e, a *posteriori*, na sociedade (ARANHA, 2005).

Por volta do século XX, mais precisamente na década de 1960, surge o paradigma da institucionalização, que pode ser compreendido na definição de Goffman (1962 *apud* ARANHA, 2005), como lugares em que um grande número de pessoas excluídas, enclausuradas estabeleciam residência e trabalho por um longo período de tempo.

Durante a história da civilização, muitas foram as designações dadas a fim de representar a PcD na sociedade, fato que até os dias atuais levanta muitos questionamentos e dúvidas, sobre qual a maneira correta de se referir a uma pessoa que possui uma ou várias deficiências. Sandra Santiago (2009) ressalta que, faz-se necessário entender e delimitar o conceito da PcD:

[...] é importante destacar que a expressão ‘pessoa com deficiência’ é relativamente nova no cenário acadêmico. Por muito tempo expressões como ‘anormais’, ‘alienados’, ‘idiotas’, ‘imbecis’, ‘retardados’, ‘excepcionais’, etc., foram amplamente aceitas e utilizadas sempre que se fazia referência àqueles que portavam algum tipo de marca ou diferença corporal ou mental (SANTIAGO, 2009, p. 117).

Uma das reflexões que se levanta, é em relação ao impacto da utilização de tais designações na representação depreciativa desses sujeitos e até o quanto estas contribuíram

para construção de sua identidade social. Ainda a respeito disto, constata-se por meio da bibliografia consultada que muitos foram/são os termos utilizados para designar a PcD na sociedade e que por muito tempo a grande maioria desses termos carregavam um peso pejorativo/depreciativo.

O uso dos termos pessoas ‘inválidas’, ‘incapazes’, ‘defeituosos’ [...] a finalmente ‘Pessoa com Deficiência’ faz parecer que se tratou de um processo de evolução natural do entendimento da sociedade de que tais designações à PcD eram/são excludentes.

No entanto, até os dias atuais, ainda se vê pessoas, instituições e representantes do Estado/nação utilizando termos já tidos como inapropriados, o que numa sociedade em que se vivencia a “Era da Informação”, caracterizada pelas possibilidades e velocidade de acesso às informações inimagináveis e possíveis, pode potencializar ainda mais a invisibilidade, a propagação de uma identidade social da PcD de forma equivocada, consolidando-se como um fator de exclusão social.

Além da problemática que permeia essa questão da designação, pode-se ainda mencionar a representação da imagem da PcD nas obras de arte, na própria legislação, nos livros, nas esculturas, entre outros, já que tudo isso é informação.

O que se observa, é que são muitas as designações e os conceitos que passaram a circular no mundo. A maior parte trazendo uma carga historicamente negativa, e outras, tentavam amenizar as representações pejorativas que foram propagadas durante os séculos.

O fato é que ao longo dos anos foram construídas representações e identidades à PcD, podendo citar ao menos duas, que considera-se como as principais: a do coitadismo e a de superação ou, como bem explicita Carla Vendramin (2019, p. 19), o estereótipo trágico-herói e o do coitado trágico: “O estereótipo trágico-herói atua fixando o imaginário sobre a identidade de pessoas com deficiência nos estigmas do herói (discurso da superação) ou do coitado-trágico (discurso da caridade e/ou emocionalidade)” Como já mencionado, a identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais o sujeito é representado ou interpelado nos sistemas culturais, logo, o sujeito pode assumir identidades diferentes em diferentes momentos (HALL, 2019).

Quanto a identidade social das pessoas estigmatizadas, Goffman (1988) sugere que há uma discrepância entre as duas e as diferencia entre a identidade social “virtual” como aquela que se projeta em termos das expectativas normativas, e a sua identidade social “real” como aquela que se confirma.

Goffman explica ainda que:

Quando conhecida ou manifesta, essa discrepância estraga a sua identidade social; ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo (GOFFMAN, 1988, p. 20).

Faz-se importante e necessário compreender que o conceito de identidade e representação estão interligados. Assim, Woodward (2019, p. 17-18) explica que “a representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito.”.

Kathryn Woodward pontua ainda que,

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas [...] (WOODWARD, 2019, p. 18).

E o que se sabe é que, de certa forma, toda esta representação, estigmas que foram propagados durante os séculos, recebeu um auxílio muito importante da informação ora registrada, ora disseminada/comunicada, que se acredita que tiveram e ainda hoje têm impactado diretamente na construção da identidade social da PcD na sociedade.

No entanto, da mesma forma que a informação utilizada desta maneira impactou na construção da identidade social da PcD, acredita-se que esta pode fazer o papel reverso, uma vez que, o acesso à informação e à comunicação tem sido importantíssimo para auxiliar no processo de diminuição da exclusão e da invisibilidade social da PcD.

Nesta perspectiva, Costa e Constantino (2007, p. 01) aplicam o conceito de invisibilidade social “a seres socialmente invisíveis, seja pela indiferença ou preconceito”. Podem ser causadores desta invisibilidade a questão econômica, racial, estética, social, cultural, etc.

Todavia, além da invisibilidade, a hipervisibilidade também pode acarretar problemas para PcD, como explica Koppers (2004) citado por Vendramin (2019, p. 19):

A hipervisibilidade opera com um olhar sobre a deficiência que rouba todos os outros itens que definem a identidade. A invisibilidade opera como um desvio do olhar, diminuição ou negligenciamento da presença do “outro desviante”, ao qual não se sabe lidar ou causa desconforto. Hipervisibilidade e (in)visibilidade operam como opostos complementares que reduzem pessoas com deficiência a estigmas historicamente e socialmente construídos.

De uma forma infeliz, a invisibilidade social já está cotidianamente estabelecida e de maneira devastadora as pessoas se acostumaram a ela. É preciso não só ‘ver’ esses invisíveis, mas é preciso ‘olhar’ para eles e ‘sentir’ junto com eles, é preciso ‘colocar óculos em toda humanidade’ (GACHET, 2007).

3 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO, VISIBILIDADE E IDENTIDADE SOCIAL DA PCD NO INSTAGRAM

Aborda-se e analisa-se de que forma a mediação da informação no contexto do Instagram pode auxiliar na visibilidade e desconstrução de representações pejorativas que foram sendo transmitidas ao longo da história e que auxiliaram na construção da identidade social da PcD. Faz-se saber que o conceito de mediação em que nos embasamos é aquela proposta por Almeida Júnior, quando diz que a mediação da informação é:

[...] toda ação de interferência - realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais – , direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25).

Nessa perspectiva, a mediação da informação pode ocorrer de forma implícita ou explícita: implícita por meio dos chamados equipamentos informacionais sem a necessidade da presença física e imediata dos usuários e a explícita ocorre de forma que a presença do usuário é de certa forma inevitável, mesmo que não seja de forma física (ALMEIDA JÚNIOR, 2009).

Diante do exposto, vê-se como necessário compreender que essa informação mediada pode possuir uma função humano-social e/ou objeto científico, na qual a primeira representa a forma, a troca e interação das ideias e emoções entre os indivíduos, seria o ato de informar e comunicar. A segunda representa signos e símbolos modificados por meio da interação social, passíveis de registro em qualquer suporte material e disseminadas de forma assíncrona, com vários direcionamentos (SILVA, 2006). Nesse ínterim, é necessário o entendimento sobre a informação numa abordagem “social-cognitiva”, no intuito de ressaltar o papel dos sujeitos informacionais no processo de ressignificação de uma informação que, no seu desenvolvimento, já traz no ato de sua transmissão/recepção uma carga de significados. Entende-se o sujeito informacional como parte crucial nesse processo de não

apenas receber ou ter acesso à informação, mas de ter a capacidade de recebê-la, acessá-la, compreendê-la e produzir um (novo) significado sobre ela. Para Silva (2006), a informação está atrelada a uma análise de representações codificadas, que pode conter elementos cognitivos.

Utiliza-se ainda o conceito de informação proposto por Almeida Júnior (2019 *apud* ALMEIDA JÚNIOR, 2021, p. 19) como:

Uma construção, elaborada em um processo, constituída de ações, elementos, interferências, situações, interesses, embates e memórias, gerada pela explicitação de segmentos de conhecimentos e que, em um continuum, durante seu ciclo de vida, recebe significados e tende a criar conflitos nos conhecimentos e certezas supostamente constituídos.

Para além desses conceitos, entende-se que a informação,

[...] não nasce neutra, sem significado. É importante que isto seja enfatizado. Ao contrário, ela já carrega interesses, ideologias, certezas e propostas que querem ser partilhadas e aceitas. Esta concepção pode ser denominada como dialógica, focando o indivíduo apropriador, mas diluindo a importância dos personagens presentes no processo informacional. Todos são importantes e fazem parte da construção da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2021, p. 271).

No contexto de ‘espaço virtual’ em que as pessoas podem ser quem são ou criar outros perfis, criar conteúdos, interagir, dar visibilidade a um assunto ou causa, encontram-se as redes sociais online ou como Raquel Recuero (2009) denomina “Redes Sociais na internet”. Nesses espaços, as pessoas podem constituir-se e apresentar-se como o indivíduo que é na ‘vida real’, aproveitando para consolidar sua identidade perante a sociedade, como pode também apresentar uma outra identidade, com características ‘físicas’ e até ‘intelectuais’ que desejaria ter ou ser, mas que fora do ciberespaço não o representa. A autora se embasa nos autores Wasserman e Faust (1994) e Degenne e Forse (1999) para definir que uma rede social é constituída basicamente por dois elementos: os atores, que podem ser pessoas, grupos, instituições e as suas conexões, suas interações e laços (RECUERO, 2009).

Os atores por sua vez,

[...] podem ser compreendidos como os indivíduos que agem através de seus fotologs, weblogs e páginas pessoais, bem como através de seus nicknames. Outro modo de representar um ator é através de um link. Em comentários de weblogs, por exemplo, muitos indivíduos colocam como endereço seu blog, embora assinem com variações de seu nome ou apelido (RECUERO, 2009, p. 28).

Nesse sentido, compreende-se que os atores dessas redes sociais além de produtores, tornam-se também mediadores de informação e pela perspectiva de Recuero (2009) as redes

além de lugar de interação, sociabilização, tornam-se uma ferramenta, uma ponte para que as mensagens, as ideias, as emoções desses atores sejam mediados e possam ser apropriadas.

No Instagram, que foi a rede social escolhida, os atores, conhecidos nas redes como influenciadores, são identificados pelos seus perfis, através da utilização de uma plataforma com login e senha. Os perfis analisados foram: @cacaibauer, uma influencer com Síndrome Down; @ivanbaron, um influencer com paralisia cerebral, cada um com aproximadamente quinhentos mil seguidores e, por fim, @fernandocampos, um influencer pessoa com deficiência visual com aproximadamente trezentos mil seguidores.

O primeiro aspecto que se destaca é a expressividade e o alcance que os perfis possuem em relação ao número de seguidores. No entanto, se considerarmos o número de pessoas que declararam possuir alguma deficiência no Brasil, que chega a aproximadamente 45 milhões (BRASIL, 2022), esse número pode ser considerado pequeno. Isso levando em consideração que os influenciadores tivessem como seguidores apenas PcD. Destarte, ressalta-se que mesmo não podendo constatar a quantidade correta, pois não é o objetivo deste trabalho, os influenciadores que são aqui objeto de estudo, possuem seguidores com e sem deficiência o que torna a desproporcionalidade ainda maior. Nesse sentido, observou-se que o conteúdo disseminado por suas redes são voltados tanto para as PcD, com o intuito de motivar outras pessoas a irem atrás de seus objetivos pessoais e profissionais; e conteúdos voltados para pessoas sem deficiência (típicas), com o intuito principal de informar, desconstruir representações pejorativas/deterioradas e hábitos discriminatórios em relação às PcD, sendo o espaço da rede social bem utilizado e explorado em relação a visibilidade e alcance que os mesmos possuem. Constituindo-se como “[...] espaços de expressão e de construção de impressões” (RECUERO, 2009, p. 29).

Por meio da análise, levando em conta a recorrência das temáticas abordadas em comum aos 3 perfis analisados, bem como o objetivo do trabalho, categorizou-se os conteúdos produzidos e disseminados em: **capacitismo**, **identidade** e **protagonismo**. Para abordar essas temáticas, cada influenciador o faz à sua maneira, seja utilizando o humor, a sátira, ironia ou o diálogo amigável/formal, seja no formato de *Feed/Stories*¹.

¹ *Feeds* são postagens permanentes que ficam fixas na página do usuário que criou o conteúdo, permitindo que o criador se aprofunde mais naquele determinado assunto. E os *stories* são postagens mais dinâmicas, curtas que duram em torno de 24 horas no ar.

Pode-se entender o **capacitismo** como um tipo de discriminação com a PcD, voltado ao pensamento de que esta é menos capaz ou não tem capacidade para realizar algo devido a sua condição. Na categoria enquadraram-se as postagens com conteúdos que abordaram exemplos de capacitismo (na escola, no trabalho, no cotidiano), como desconstruir discursos capacitistas, frases, críticas a piadas capacitistas e outros, todas envolvendo a temática em questão, como é possível verificar em alguns dos exemplos na figura 3.

Figura 3 – Capacitismo: exemplos de postagens



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A categoria **identidade** assim como o **capacitismo** foram temas bastante recorrentes nos perfis analisados e, de certa forma, estão relacionados, uma vez que a identidade está intrinsecamente ligada à representação e a visão de que a PcD é incapaz ser uma dessas representações sociais. No entanto, escolheu-se abordar as duas de forma separadas devido ao tipo de conteúdo criado, como por exemplo, postagens falando sobre como se referir corretamente a uma PcD. Dessa forma, na categoria **identidade** enquadraram-se as postagens que tiveram como intuito desconstruir representações impostas a esses grupos como incapazes, coitadinhos, heróis (superação) ou doentes (tese da organicidade), figura 4.

Figura 4 – Identidade: exemplos de postagens



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Em suma, pode-se observar que são conteúdos que tem como intuito a desconstrução de um pensamento generalizado de uma identidade em que a PcD possui uma doença e que, por isso, não pode, não tem capacidade para realizar uma determinada atividade, reforçando ainda hoje a “tese da organicidade” do século XVII e do capacitismo. Conteúdos carregados e imbuídos de significados, ideologias que como pontuou Almeida Júnior (2021, p. 271) “[...] carrega interesses, ideologias, certezas e propostas que querem ser compartilhadas e aceitas”.

A própria rotina dos influenciadores demonstrada nas postagens são exemplos de conteúdo anticapacitista e que tenta quebrar os estereótipos e a identidade do incapaz, do coitadismo, do herói (superação) e do doente.

O **protagonismo** foi escolhido como categoria principalmente por trazer à tona o lema “Nada sobre nós, sem nós” adotado pelas PcD para demonstrar toda sua luta pela plena participação da sociedade, pela inclusão. Foi por meio dessas lutas, da organização política e do acesso à informação que estas pessoas se tornaram e se sentem cada vez mais como protagonistas da própria história (LANNA JÚNIOR, 2010).

Nesse sentido, nessa categoria enquadram-se as postagens que abordam a participação da PcD na política, nas tomadas de decisões que versam sobre a PcD, da presença da PcD nas artes ou em qualquer assunto que seja relacionada ao grupo. Sobre a ausência da PcD em qualquer assunto que trate ou relacione o grupo, menciona-se a postagem realizada pelo influenciador Ivan Baron que faz uma postagem crítica aos diretores de novelas/filmes por colocarem atores típicos representando pessoas com deficiência nas novelas, filmes etc., denomina-se essa ação como *cripface*, figura 5.

Figura 5 – Protagonismo: exemplos de postagens



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Entende-se que o protagonismo social, a participação política pode ser um dos caminhos para compreensão das diferenças e da própria inclusão desses grupos na sociedade, de forma que as redes sociais, especificamente o Instagram devido a sua popularidade e alcance, consolide-se cada vez mais como um palco para que essas pessoas tidas como invisíveis emergam como protagonistas ou influenciadoras (como são conhecidas no meio digital). Henriette Gomes (2019, p. 11) explica que “As relações entre protagonismo social e mediação da informação sinalizam que o primeiro pode ser favorecido pela realização consciente da ação mediadora[...]”.

Gomes menciona ainda que,

Qualquer tipo de mediação, mas em especial a mediação da informação se caracteriza como um processo que se dá na interrelação **de elementos técnicos, humanos, ambientais e semiológicos**. Esses elementos são articulados, possibilitando tanto a produção quanto o compartilhamento do conhecimento (GOMES, 2019, p. 16, grifo nosso).

No entanto, Gomes (2019) propõe que apenas quando alcançada as cinco dimensões (dialógica, estética, formativa, ética e política) é que a **mediação da informação** pode contribuir para apropriação dessa informação. Diante do que foi analisado, pode-se inferir que o Instagram vem demonstrando-se como um espaço e ferramenta importantíssima na mediação da informação em meio digital, na qual é possível a interação, manifestação, diálogo e interpelação entre diversos sujeitos sociais (dimensão dialógica, estética e ética), inclusive com dispositivos de informação (dimensão política), o que na perspectiva de Gomes (2019) pode auxiliar no protagonismo social, bem como na troca e no compartilhamento de informações que podem contribuir na formação de sujeitos mais críticos e conscientes

(formativa). Considera-se ainda que, nesses espaços, é possível encontrar diferentes sujeitos que atuam ora como produtores, mediadores e apropriadores da informação. No que se refere à **mediação da informação**, considera-se que esta é efetivada, uma vez que a apropriação das informações pode acontecer de fato, sendo possível verificar através da exposição das ideias e da interação realizada por meio dos comentários dos sujeitos envolvidos, figura 6.

Figura 6 – Interação entre sujeitos envolvidos no processo de Mediação



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

“Depois de exteriorizada, a informação se espalha, se desdobra e vai atingindo sujeitos informacionais de maneira diferente” (ALMEIDA JÚNIOR, 2021, p. 271), podendo-se observar que cada indivíduo apropriador da informação, se apropriou de uma forma, nem sempre sendo compreendida da forma esperada, mas de certa forma, sentida, refletida e apropriada. Assim, a informação terá acumulado significados e as apropriações serão diferenciadas, apesar de manter as bases com as quais foi produzida”, conforme explica Almeida Júnior (2021).

Algo a ser considerado ainda além de que cada um se apropria da informação mediada de uma forma, é a hipervisibilidade, que foi mencionada por Vendramin (2019 *apud* KUPERS, 2004), quando explica que se trata de focar com tamanha intensidade no aspecto da deficiência que acaba inibindo os fatores que definem a identidade.

Dessa forma, é preciso cautela na hora da utilização dessas redes, principalmente devido ao seu amplo alcance, e no caso de pessoas influenciadoras, sendo necessária uma definição clara do objetivo que se deseja atingir com a informação mediada, para que esta

não acabe trazendo o resultado inverso, que seria a reafirmação/preservação e permanência de uma imagem e identidade deteriorada da PcD.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Sendo assim, diante do exposto, constata-se que as redes sociais podem auxiliar na manutenção/reforço daquilo que se quer preservar, como pode desmistificar, desconstruir um pensamento equivocado, pejorativo, como é o caso da desconstrução de uma representação da PcD enquanto incapaz, coitadinho, doente, etc.

Nesse sentido, as redes sociais enquanto um lugar de **mediação da informação**, torna-se grande aliada nessa sociedade na qual a informação é gerada, disseminada e acessada de uma forma tão frenética e desenfreada, na desconstrução de uma identidade que é deteriorada e na construção de uma nova identidade social da PcD, uma vez que compreende-se que as identidades não são fixas.

Obviamente, essa construção não se dá da noite para o dia, é um processo longo e contínuo, são muitos anos de história e uma memória individual/coletiva para ser reconstruída. Além disso, vale ressaltar o papel importantíssimo que a informação possui em todo esse processo tanto no de inclusão como no de exclusão, pois, pode-se inferir que a informação ora registrada/mediada por séculos sobre a PcD impactou e vem impactando até os dias atuais sua participação e visibilidade social, cultural, política e econômica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Desinformação e exclusão. *In*: COLÓQUIO HABERMAS, 16.; COLÓQUIO DE FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2020, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Salute, 2021. Disponível em: <https://colquiohabermas.files.wordpress.com/2021/11/anais-coloquio-habermas.pdf>
Acesso em: 20 ago. 2023.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da Informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, 2009.

ARANHA, M. S. F. **Projeto Escola viva**: garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. reimp. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARON, I. **Ivan Baron – influenciador da inclusão** [...]. Instagram: @ivanbraron. Natal, RN. 2023. Disponível em: <https://instagram.com/ivanbaron?igshid=MWZjMTM2ODFkZg==>. Acesso em: 20 ago. 2023.

BAUER, Ci. **Cacai Bauer – Síndrome de Down** [...]. 2023. Instagram: @cacaibauer. Disponível em: <https://instagram.com/cacaibauer?igshid=MWZjMTM2ODFkZg==>. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. **Políticas públicas levam acessibilidade e autonomia para pessoas com deficiência**. [s.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/09/politicas-publicas-levam-acessibilidade-e-autonomia-para-pessoas-com-deficiencia> Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, p. 1-30, 7 jul. 2015.

CAMPOS, F. **Fernando Campos, comunicador** [...]. Instagram: @fernandocampos. 2023. Disponível em: <https://instagram.com/fernandocampos?igshid=MWZjMTM2ODFkZg==>. Acesso em: 20 ago. 2023.

COSTA, V. F. G.; CONSTANTINO, M. de L. **Invisibilidade social**: outra forma de preconceito. São Paulo: [s.n.], 2007.

DEGENNE, A; FORCE, M. **Introducing social networks**. oducing social networks London: Sage, 1999.

GACHET, S. Entrevista Samuel Gachet. **Discutir educação**. 2007. Disponível em: <http://discutireducacao.blogspot.com.br/2007/06/entrevista-samuel-gachet.html>. Acesso: 18 ago. 2022.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOMES, H. F. Protagonismo Social e Mediação da Informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, n. 2, p. 10–21, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 9 jul. 2023

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

LANNA JÚNIOR, M. C. M. (comp.). **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. p. 443.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 34. ed. São Paulo: 1999.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTIAGO, S. A. S. Exclusão e deficiência: primeiras aproximações teóricas. *In*: RICHARDSON, Roberto Jarry (org.). **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: Editora universitária, 2009. p. 315.

SILVA, A. M. da. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

VENDRAMIN, C. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL REPENSANDO MITOS CONTEMPORÂNEOS, 3., 2019. **Anais [...]**. Campinas, SP: UNICAMP, 2019. p. 16-25.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis**: methods and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. 5. reimpr. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.